

BAÚ DE CASOS

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Ditado pelo Espírito

Cornélio Pires

INDICE

BAÚ DE CASOS

Encontro De Amigos
Educação E Vida
Almas Sem Fé
Precioso Servidor
Problema De Queixas
Provas E Calamidades
Perseguição
Notícia Da Sombra
As Duas Bandas
História De Quimquim
Fraqueza E Caridade
Finados E Reencarnados
Dinheiro E Serviço
Assunto E Tentação
Culpa E Doença
Assunto De Mocidade
Assunto De Doença
Assunto De Desculpismo
Dinheiro No Assunto
Antipatias

ENCONTRO DE AMIGOS

Caro Leitor.

Este livro dispensa qualquer apresentação.

Bastar-nos-á dizer:

_ "Cornélio recebe os amigos."

Imaginemo-nos num salão de encontros fraternos, onde o anfitrião nos acolhe afetosamente, no intuito de entreter-nos e instruir-nos.

A imagem está claramente adequada a este volume.

Cornélio Pires, o irmão e companheiro, aqui nos oferta as suas experiências e anotações, apontamentos e avisos, traduzidos em lições por vezes risonhas, mas sempre tocadas de realidade e elevação.

Ouçamos o mensageiro, lendo-lhe os temas e respostas e aprendamos com ele a observar construtivamente, rendendo graças a Deus pela oportunidade de conhecer e meditar com segurança, sobre os ensinamentos da vida, a fim de saber melhor e melhor servir.

Livro "Baú de Casos" - Psicografia de Francisco Cândido Xavier - Espírito Cornélio Pires

_ "Que pode um desencarnado
Dizer sobre educação?"
Eis aqui sua pergunta
Caro amigo Viamão.

Educação _ velho tema -
Que se estuda por dever,
Tão fácil de se explicar,
Tão difícil de entender!...

A Terra é uma grande escola
Do bem suprimindo o mal,
Como agora a reconheço
Da Vida Espiritual.

Para que tempo no mundo,
Entre passado e porvir?
Para que se nasce e morre
Senão para se instruir?

A pessoa ganha o berço
Para a conquista do bem,
Se aprende, trabalha e serve,
Vai seguindo Mais Além...

O espírito, em qualquer parte,

Pode o que pensa que pode,
Mas, em se achando na Terra,
Aí é que a luta explode.

Raro o espírito encarnado
Que aceita o que deve ser,
A maioria, entre os homens,
Sofre o medo de sofrer.

E receando ferir-se,
Intenta fuga ou disfarce,
Recusando o próprio ensejo
De educar e educar-se.

Agora, depois da morte,
Bastante tempo depois,
É que entendo os casos tristes
Que passaram por nós dois.

Tim renasceu com problemas
Para obter disciplina,
Tendo o sexo lesado
Suicidou-se com morfina.

Tânia pediu casa em provas,
A fim de aprender a amar,

Ligada a um marido enfermo,
Largou-se do próprio lar.

Querendo aprender perdão,
Tomé pediu outra vida,
Achando pais exigentes,
Deslanchou para a bebida.

Ao tentar conformação,
Nosso Alarico Machado,
Internado na penúria,
Suicidou-se revoltado.

Buscando olvidar paixões
Gil nasceu de Ana Noronha,
Mais tarde, tendo conflitos,
Abandonou-se à maconha.

Tônio querendo mais fé
Pedi luta e tentação,
Na Terra, falava em Deus
Trazendo um porrete à mão.

Rogou missão de educar
Dona Jurana Junquilhos,
Mas podava as pimenteiras,
Desprezando os próprios filhos.

Para ajudar entes caros
Noé nasceu na Água Branca,
Hoje, pai, só mostra em casa
Tristeza, grito e carranca.

É isso aí... Educar
É serviço dos serviços,
Mas quão difícil honrar
Nossos próprios compromissos!...

Para mim mesmo essa bênção,
É luz de Deus a brilhar,
Mas tenho, para obtê-la,
Muitos séculos que andar...

ALMAS SEM FÉ

Cornélio Pires

Em carta, você pergunta,
Meu caro Antônio Peri,
De que modo almas sem fé
Costumam viver aqui.

Diz você "almas sem fé."
E a sua definição
Faz com que a gente medite
Nos assuntos tais quais são.

A você posso afirmar
De quanto agora conheço:
Cada qual, depois da morte,
Procura o próprio endereço.

Quem se dedica a elevar-se
No campo do dia-a-dia,
Vive no Além pela fé
No trabalho a que servia.

Mas quem anda mundo afora,
sem ideal ou sem crença,
Na Terra ou fora da Terra,
Está naquilo que pensa.

Nesse caso, vale pouco
A morte por nova estrada,

A mente em desequilíbrio
Continua alucinada.

Quem viveu só para si
Segue essa linha incorreta
E é tanta gente no embrulho
Que eu mesmo fico pateta.

Você recorda o João Panca
No Roçado da Parede,
Desencarnado em preguiça
Vive atolado na rede.

Garimpeiro apaixonado,
Manoelino de Nhá Chica,
Sem corpo, mora na serra,
Caçando mina de mica.

Tanto pensava em comida
Que Altino de ista Bela,
No Além, traçou na cabeça
A forma de uma panela.

Bebedor como ninguém,
Nosso Amselmo Rosmaninho
Já morreu, há muito tempo,

E está no copo de vinho.

Sempre parada no ouro,
desencarnou Dona Rita,
Está sem corpo, há dez meses,
E a pobre não acredita.

Conquistador, morreu Nico,
Hoje, ao fazer-se presente,
Ele ataca de fantasma
E as moças correm na frente.

Tanto buscava adorar-se
Que Esmeraldina Botelho,
Depois de desencarnada,
Não larga a face do espelho.

Sem esforço em que progrida,
Tal qual por aqui se vê,
É muita gente que vive
Sem saber como e porquê...

A vida sem ideal
É trilha na contra-mão,
Dificuldade e perigo

Seguindo sem direção.

Use o carro de seu corpo,

Servindo e amando com fé.

Quem age e confia em Deus

Não precisa marcha à ré.

PRECIOSO SERVIDOR

Cornélio Pires

Respondendo a sua carta,

Afirmo, prezado Elmano:

_ Dinheiro é amparo do Céu

Entregue ao progresso humano.

Nunca censure a moeda.

Bem dirigida, a finança

É bênção para o trabalho

E uma fonte de esperança.

Para mostrar o dinheiro

No apoio que descortina,

Trago a você nesta carta

Uma lição pequenina.

Calimério foi à rua

Seguido de um companheiro

Que conquistara, ajudando

Na casa de um carpinteiro.

O irmão que você conhece

Comportava-se por guia,

Fez-se o outro associado

Que escutava e obedecia.

Tratava-se de um amigo

Dos melhores que se tem,

Quando a pessoa deseja

Viver cultivando o bem.

Notei logo o quadro lindo
Que se formara nos dois,
Onde passassem servindo
A luz brilhava depois.

Ambos levaram socorro
Para Zulmira Noé;
A doente que descreia
Recobrou a própria fé.

Promoveram leito novo
Com todo conforto à mão
Para o velho Regozino
Que esmorecera no chão.

Trouxeram novo agasalho
Para o quarto do Agenor,
O enfermo desamparado
Que pedia cobertor.

Viram ambos a alegria
Na viúva do Albernaz,
A quem deram de presente
Um grande bujão de gás.

Ao telheiro de Angelina,
A viúva do Zé França,
Trouxeram penicilina,
Socorrendo uma criança.

Ao recanto da viúva
Lilia da Conceição
Enriqueceram a mesa
De leite, açúcar e pão.

E a festa foi sempre assim
Pelo restante do dia,
Onde a dupla aparecesse
a esperança renascia.

Unidos para a bondade
Recordavam cireneus,
Respeitados em silêncio
Por missionários de Deus.

Agora, digo a você
Quem era esse servidor
Que ofertava tanto auxílio
Nesse banquete de amor.

O amigo de Calimério
Que lhe atendia à vontade,
Tem este nome bendito:
_ "Dinheiro da Caridade."

PROBLEMA DE QUEIXAS

Cornélio Pires

Tenho aqui sua consulta,
Meu caro Raimundo Seixas;

Você pede opinião

Quanto ao problema das queixas.

Sem rodeios sobre o assunto,

Posso afirmar, meu irmão,

Toda queixa, quase sempre,

É conversa gasta em vão.

A gente chora, reclama,

No entanto, o caso é sabido:

Lamentação sem trabalho

É voz de tempo perdido.

Cada pessoa recebe

Certo serviço a fazer,

Somos nós servos da vida,

Cada qual em seu dever.

Se o espírito é rebelde,

Perante o mínimo encargo,

Inclina-se para a fuga

Começando em verbo amargo.

Lastima-se contra o tempo

Em tudo, seja onde for,

Censura-se o pó, a pedra,

O vento, o frio, o calor...

Mas nessa história de queixas,
Você pode registrar:
Quem caminha reclamando
Principia a piorar.

Dever é um fardo do Céu
E a quem o vote a desprezo,
Surge uma lei vigorosa
Impondo ao fardo mais peso.

Parece que Deus nos cede
Uma cruz de dons extremos,
Fugindo a ela, encontramos
As cruzes que merecemos.

Você recorda o Alexandre,
Clamava contra chefias...
Depois, ficou sem trabalho
Por mais de quinhentos dias.

Chorando quatro cruzeiros,
Saiu Antonico Brotas,
Vindo logo a tromba d'água
Levou-lhe o colchão de notas.

Reclamando anel perdido,
A irada Dona Rosenda,
Transportando vela acesa,
Incendiou a fazenda.

Ao queixar-se contra a esposa,
Laurindo da Conceição
Atirou dez mil cruzeiros
Na fogueira de São João.

Zangando-se contra a chuva
Dona Liquinha Pastura,
Ao correr, teve uma queda
De quatro metros de altura.

Penso hoje, caro irmão,
Pelas provas que já vi:
A pessoa, em se queixando,
Perde o controle de si.

Após a morte do corpo
É que se vê quanta gente
Lastima o tempo perdido
Ao zangar-se inutilmente.

Anote o caso em você,
Em você e em derredor:
Na vida de quem se queixa
A vida fica pior.

Se você quer ser feliz
Na terra e no Mais Além,
Trabalhe, siga e prossiga
Sem se queixar de ninguém.

PROVAS E CALAMIDADES

Cornélio Pires

Você nos pergunta, em carta,
Meu caro Alfeu Segismundo,

Como encontrar alegria
Nas graves provas do mundo.

E continua afirmando:
_ "Cornélio, o que diz você?
Tanta lágrima na Terra,
Não sei explicar porquê...

Basta ler, ouvir e ver,
Nos campos de informação,
E a gente sofre pensando
Em tanta tribulação.

É guerra que não se acaba,
É desespero alastrando,
É clima destemperado,
Calamidades em bando...

É tromba d'água caindo,
Geadas, seca, maré...
Amargura e insegurança
Surtem na falta de fé.

É desastre, a toda hora,
É murro de força bruta...
De que modo ser feliz
Em meio de tanta luta?"

digo, porém, caro amigo,
Que a Terra foi sempre assim:
_ A escola que sempre educa,
Tanto a você, quanto a mim.

Você sabe: o educandário
Em que a gente se renova
Reclama trabalho, esforço,
Lição, disciplina e prova...

Mas se quer felicidade,
Medita, prezado Alfeu,
Nas cousas boas da vida
Que você já recebeu.

Pense nas almas queridas
Que o situaram no bem,
Nos recursos que o protegem,
Nas amizades que tem.

Olhe o poder que possui
De buscar o que lhe agrade,
Você consegue mover-se,
Conforme a própria vontade.

Lembre o sono que desfruta,
A mesa que o reconforta,
A fonte jorrando em casa,
O pão que lhe vem à porta.

Recorde a sombra vencida
Pelos dons da luz acesa,
Os recursos do progresso
E as bênçãos da natureza.

Medita nos animais
Que sofrem no dia-a-dia,
Para que o prato lhe seja
Um transmissor de alegria.

Pense nos dias tranqüilos
De estudo, de calma e prece,
Nas horas somente suas
Em que ninguém lhe aborrece.

Então, você notará,
De atenção célere e pronta,
Que os benefícios da Terra
São benefícios sem conta.

Em síntese, caro amigo,
No mundo, a gente, a meu ver,
Muito pouco sofreria
Se soubesse agradecer.

Se você quer progredir
Na luz que Deus nos consente,
Esqueça a conversa mole,
Largue a queixa e siga em frente.

PERSEGUIÇÃO

Cornélio Pires

"Por que teria Jesus
Nos ensinamentos salvadores,

Recomendado a oração
Por nossos perseguidores?"

Resumindo as suas notas,
Meu caro Lucas Ferraz,
Eis a pergunta concreta
Que, em suma, você nos traz.

Examinando, na essência,
A própria questão exposta,
O ensino simples e claro
Por si demonstra a resposta.

Quem persegue ou prejudica,
Em todo e qualquer lugar,
Como esteja, está comprando
Muita dívida a pagar.

Se a pessoa perseguida
Exerce a paz e o perdão
A prova que experimente
É degrau de elevação.

Agora, depois da morte,
No que tenho conhecido,
São muitos casos amargos
Que vejo nesse sentido.

Janjão tomou de Nhô Chico
A Fazenda da Cancela
Em seguida, faleceu
E vive agarrado a ela.

Lelé perseguindo Juca
Armou enorme alçapão,
Mas em vez do desafeto
Aleijou o próprio irmão.

Totó perseguia Joana,
Dizendo agir por amor,
Depois da morte, o coitado
Tem nome de obsessor.

Antão para unir-se à Gina,
Liquidou com Gil do Estalo,
Mas Gil nasceu filho dele
E vive a crucificá-lo.

Antônia arrasou com Jonas
Para casar com Rodrigo,
Que renasceu entre os dois
Cobrando débito antigo.

Nhô Chico tomava terras
Ganhava qualquer contenda,
Desencarnado, é um fantasma
Numa fuma da fazenda.

Veja assim o ensinamento:

Vida correta é dever,
Vale masi sofrer na vida
Que a gente fazer sofrer.

Perseguido paciente
Vive sempre melhorando...
Quem persegue sofre, sofre
E não se sabe até quando.

NOTÍCIA DA SOMBRA

Cornélio Pires

Prezada Marta Eliana,
Deseja você que eu diga
Como é que se vê do Além

A trajetória da intriga.

De tratamento difícil

A sua estimada carta.

Não sei como respondê-la...

Desculpe, querida Marta.

Comparo a intriga à uma sombra

Que atrapalha qualquer vida,

Por dentro do coração

Em que seja recebida.

Para notar-lhe de perto

A força estranha e nefasta,

Certa vez, acompanhei-a

Nas trilhas onde se arrasta.

Notei-a falando baixo

Com Zeferina do Alfeu,

Decorridos alguns dias

A coitada enlouqueceu.

Outra porta que se abriu

Foi a de Gino Delgado,

O pobre, depois de ouvi-la,

Atirou sobre o cunhado.

Em seguida, conversou
Com Dona Flora Bonilha,
Dona Flora transtornada
Espancou a própria filha.

Tomou a atenção de Juca,
Sobre o filho, o João Libório;
O pai, depois de alguns dias,
Rumou para o sanatório.

Buscou a loja de Zeca
Pixando Elísio Coutinho;
No outro dia, Zeca, em fúria,
Avançou sobre o vizinho.

Observe a confusão,
Onde a sombra ganha pé,
Principalmente nas casas
Que se dedicam à fé.

Grupo Espírita modelo,
Era o Centro da Irmã Rosa,
Que após aceitar a sombra,
Acabou-se em polvorosa.

Ela, um dia, penetrou,

No Instituto da Oração,
Em pouco tempo, o Instituto
Caiu em perturbação.

Um grupo de caridade,
Era o de Irmã Genoveva,
O grupo abraçou a sombra,
Depois envolveu-se em treva.

Tome cuidado... A pessoa
Que acolhe a intriga onde esteja
Adoece sem notar
A influência malfazeja.

Não tema. Você conhece...
Onde a sombra se detém,
A conversa vai saindo
Dos alicerces do bem.

Quanto ao mais, lembro o conselho
Do velho Cirino Horta:
_"Quando a intriga aparecer,
Nada ouça e cerre a porta."

AS DUAS BANDAS

Cornélio Pires

Recebi a sua carta,
Meu caro Antônio José,
Sobre antiga indagação
No campo de nossa fé.

Diz você: "Caro Cornélio,
Escute. Por que será
Que tanta gente prefere
Viver na banda de lá?

Na banda de cá, nós temos
Esperança, paz e luz,
Trabalho de melhoria
Nos créditos de Jesus.

Mas creia que dói saber
Quando se nota e se pensa
Que temos tantos amigos
Enrolados na descrença."

A linha que você fez,
A meu ver, melhor não há:
Separando a nossa banda
Da outra banda de lá.

No entanto, a minha resposta
É igual à que você tem;
Infeliz de quem descrê
Da vida no Mais Além.

Podem surgir brigalhada,

Reclamação, amargura,
Mas no meio dos pampeiros
A fé se mantém segura.

Na banda de cá, por vezes,
A provação fere fundo,
Contudo, a crença dissolve
Qualquer problema do mundo.

Há pessoas separadas,
Bom sendo não nega isso,
Porque nem todos trabalham
Sob o mesmo compromisso.

Ante os que busquem servi-los,
Estão sempre insatisfeitos,
Não procuram qualidades,
Vivem catando defeitos.

Quase sempre, são pessoas
Nessa estranha anomalia:
Cabeça farta de idéias
Com vida seca e vazia.

Da banda de cá, no entanto,
Pode haver muita intriguinha,

Muita lama e tempestade,
Mas a pessoa caminha.

Na banda de lá, meu caro,
Há muita sombra escondida
E muita gente chorando
Sem fé no poder da vida.

Os irmãos que vivem lá
E nisso é que me embaralho,
Desejam achar a fé
Mas não desejam trabalho.

Procuram revelações,
Prodígios fenomenais,
Querem verdades ao certo,
Quando encontram querem mais.

Sendo assim, todos achamos
Muitas lutas por vencer,
Burilamento reclama
Cada qual em seu dever.

Por isso, meu caro amigo,
Sob a fé que serve e anda,
Continuemos fiéis
Do lado de nossa banda.

E supliquemos a Deus
Que a todos sustentará,
Muito amparo à nossa banda
E paz na banda de lá.

HISTÓRIA DE QUIMQUIM

Cornélio Pires

Em carta, você pergunta,
Meu caro Alírio Trindade,
Como é que se desenvolve
O dom da mediunidade.

Você termina, indagando
Quanto ao nobre compromisso
Qual a maneira mais certa
De começar o serviço.

Ser médium, meu bom amigo,
Em qualquer tempo e lugar,
Pede atenção para o estudo
E gosto de trabalhar.

Na alegria do começo,
Qualquer irmão se equilibra,
Mas a tarefa depois
Precisa de muita fibra.

No assunto, quero contar-lhe
O caso de um companheiro,
Sei que você vai lembrá-lo:
É o nosso Quinquim Monteiro.

Quinquim curou-se num Centro
De uma dor no calcanhar,
Notando a força da prece,
Quis ser médium, trabalhar...

Iniciou-se, feliz,
No "Grupo do Irmão Carlindo,"

Mas a obra foi crescendo
E o trabalho foi subindo...

Muita gente em provação,
Muita amizade a sofrer,
"Servir e entender a todos"
Passara a simples dever.

A tarefa perdurava
Não se sabia até quando,
Quinquim começou nas falhas
E seguiu desanimando...

nas noites de reuniões,
Não negava a própria fé,
Mas falava de fadiga,
De dor na nuca ou no pé.

Mostrava as pernas doendo,
Tinha angústia, batedeira,
Dizia sofrer de insônia,
Às vezes, por noite inteira.

Lastimava resfriados,
Inflamações do nariz,
Se alguém lhe pedia amparo,

Confessava-se infeliz.

Acusava-se vencido,

Estava sempre cansado,

Nas horas do reumatismo,

Padecia dor de lado.

Se alguém lhe falasse em preces,

Quinquim falava em descanso,

Era um retrato da queixa

Na cadeira de balanço.

Sempre a clamar contra a vida,

Sem domínio da vontade,

Quinquim largou-se ao repouso,

Perdendo a mediunidade.

Passou a viver deitado,

Não tinha fome nem sede,

Em seguida, piorou,

Cansado de cama e rede.

Quando quis recuperar-se,

A morte olhava Quinquim,

O pobre já tinha o nome

No grande listão do fim.

E o assunto é esse aí...

Se você quer triunfar,

Não escute corpo mole,

Nem pare de trabalhar.

FRAQUEZA E CARIDADE

Cornélio Pires

Você nos pede notícias

Prezada Nina Tereza,

Sobre aquilo que pensamos

De caridade e franqueza.

Diz você: _ "Fale, Cornélio,
Sobre a luta que me invade,
Se sou franca, sou cruel,
Se não sou, falto à verdade.

Tanta gente me reprova...
Quanto a você, que me diz?
Desejando ser sincera,
Estou cansada e infeliz."

Entendo, querida irmã,
O que procura expressar,
Também eu busco aprender
Como devo conversar.

O assunto é vasto e difícil,
Nem pode ser diferente;
A pretexto de ser franco
Já feri a muita gente.

No mundo, toda verdade
Roga cautelas em bando,
Porque a verdade por si
É força sempre mudando...

tudo o que surge na Terra
Exige renovação,

A criança nasce e cresce,
O doente fica são.

Terra seca se adubada
Converte-se em gleba rica,
O pedreiro faz a casa
E a casa se modifica.

Por isso, quanto a progresso,
Nada vai sem esperança,
Qualquer estudo, em si mesmo,
Está na lei da mudança.

Eis porque sinceridade
Não deve fugir do bem,
Quem ama serve e auxilia
Sem complicar a ninguém.

Nos caminhos em que vamos,
Sabemos quanta tristeza,
Quanta prova dolorosa
Por excessos de franqueza.

Por duro verbo de Jorge
No Roçado do Capim
Léo enganou-se em família

E atirou sobre Joaquim.

Usava tanta rudeza

Nossa amiga Antoniaela

Que ninguém a compreendeu,

Nem quis mais ficar com ela.

O médium Nico Beloti

Falava com tanto espinho,

Que o pobre onde aparecesse

Era largado sozinho.

Outro médium agressivo

Era o Jovino Leão,

Tanto gritou contra o mundo

Que caiu na obsessão.

Dizendo-se muito franca

A médium Carlinda Zara

Acabou gelando o Centro

Que ela própria começara.

Era tanto xingatório

No médium Juca das Dores

Que ele mesmo deu mão forte

Aos próprios perseguidores.

É isso aí, minha irmã,

Presença de realidade

Para elevar e servir

Não dispensa a caridade.

Doutrinações, confidências,

Palavras, seja onde for,

Para levarem auxílio

Precisam de muito amor.

Franqueza sem compreensão

Não sei como interpretar,

A verdade vem de Deus

Pedindo tempo e lugar.

E em matéria de verdade,

Nos caminhos seus e meus,

Recorde: ninguém consegue

Ser mais correto que Deus.

FINADOS E REENCARNADOS

Cornélio Pires

Caro Armando, recebi

Os bilhetes e os recados;

Você deseja notícias

De alguns dos nossos finados.

Entendo. Finados hoje

Para nós, é a comitiva
Dos irmãos fora da Terra,
Gente morta sendo viva.

Não posso dar muitas notas
De sentido mais profundo,
Falarei de alguns amigos
Já reencarnados no mundo.

As vezes, nos cemitérios,
A gente chora na campa
De amados que já voltaram
Para a Terra, em nova estampa.

Você recorda Nhô Zeca
Que liquidou João Matula?
João voltou à casa dele,
É o netinho que ele adula.

Por causa de Frederico,
Suicidou-se o Tonho Prata,
Tonho, porém, renasceu...
É o bisneto que o maltrata.

Outro suicídio, o de Délio
Que morreu por Lia Benta...
Délio tomou novo berço,

É o filho que ela amamenta.

Por ambição, Carlomanho
Arrasou com Dona Luna;
Ela nasceu neta dele,
A fim de herdar-lhe a fortuna.

Tino e Rita promoveram
A morte de Adão Ramalho;
Adão renasceu com eles,
Trazendo imenso trabalho.

Nhô Téo acabou com Joana
Ao não querê-la por nora,
Mas Joana já reencarnou...
É anetinha que ele adora.

Morreram dois inimigos:
Tião e Juca da Barra...
Agora nasceram Gêmeos,
Vieram irmãos na marra.

Desencarnado, Nhô Gino
Que falava mal de tudo,
Pediú corrigenda a Deus,
Em seguida, nasceu mudo.

Nosso assunto é isto aí...

Recordação de finados

É a vida em torno da vida

Que se expressa por dois lados.

Enquanto estamos na Terra,

Para dizer o que posso,

Muita vez, a gente reza

Em campo que já foi nosso.

DINHEIRO E SERVIÇO

Cornélio Pires

Você deseja de nós,

Meu caro Juca Loureiro,

Alguma nota do Além

Sobre a questão do dinheiro.

Entretanto, caro amigo,

Você, de modo geral,
Somente fala em moeda
Quanto ao que existe de mal.

Refere-se a casos tristes,
Aos delitos, tais quais são,
E apenas vê na riqueza
Motivo à condenação.

Escute. Medite um pouco
No que a lógica elucida
E encontrará no dinheiro
Apoio, progresso e vida.

Sem a finança mantendo
A escola, o pão, o agasalho,
Pouca gente sobraria
Para a Bênção do trabalho.

E sem trabalho constante
O mundo inteiro, por certo,
Estaria reduzido
A pavoroso deserto.

A moeda claramente
É força a prevalecer
Até que o dom de servir

Seja na Terra um prazer.

Para evitar entre nós
Qualquer indução à briga,
Peço a você rememore
O burro da história antiga.

Em recanto de outras eras,
Existiu certo luar
Que em vez de ajudar na vila,
Só vivia de empacar.

Submetido a chicote,
Nem notava o próprio dano,
Se alguém lhe impusesse carga,
Dava coice a todo o pano.

Certo dia, um cavaleiro,
Com muito tempo de monta,
Mostrou a ele uma vara
Com milho verde na ponta.

Em seguida, o curioso,
Resguardando o milho em paz,
Avançou, buscando a frente
E o burro seguiu atrás.

Com semelhante incentivo,
Trotou pela estrada larga,
Interessado na espiga
Servia, agüentando a carga.

Você pode observar
Pelo assunto que me envia,
Que, ante a saga desse burro,
Há muita filosofia.

É isso aí... Sem trabalho
Que a moeda alenta e anota,
Os homens copiariam
A lentidão da marmota.

Não condene os bens do mundo,
Sejam meus ou sejam seus;
Dinheiro marca a nós todos
Como instrumento de Deus.

ASSUNTO E TENTAÇÃO

Cornélio Pires

Deseja você saber,

Meu caro Joaquim Frazão,

De que maneira vencer

A força da tentação.

Quero crer que você pensa

Que a morte, em si, nos ajeita
Para viver entre os anjos
Em paz na vida perfeita.

No entanto, não é assim...
A pessoa unicamente
Prosegue desencarnada
Em dimensão diferente.

Aí começa o conflito
Em que ainda me concentro:
Por fora, é muita mudança
E nós, os mesmos por dentro.

Nesses instantes, a sós,
Contamos, na revisão,
O tempo que se perdeu
Nos dias de provação...
Quanta vitória às avessas
Entre sonhos em falência!...

Triunfo em nós e por nós
Exige, em linhas gerais,
A decisão de servir
Agüentando sempre mais.

A tentação me parece
Gênio mau em nosso peito,
Quer vantagem sem trabalho,
Quer desejo satisfeito.

Reclama prêmios em tudo,
Tem ânsias de dominar,
Quando está junto dos outros
Quer o primeiro lugar.

Não consegue perceber
Se fere ou se grita em vão,
Em lucro, posse ou poderão
Quer a parte do leão.

Em razão disso, meu caro,
Na tentação, não a tente;
Muito mais vale humilhar-se
Que agir desastradamente.

Se alguém lhe agita a cabeça
Mesmo estando quase louco,
Use calma e tolerância,
Silencie mais um pouco.

Se a questão é sentimento,

Fique firme no dever,
Domínio próprio é lição
Que nos compete aprender.

Injúrias, lutas, pedradas,
Dor que pareça sem fim?
Se você busca vencer,
Trabalhe e agüente, Joaquim.

CULPA E DOENÇA

Cornélio Pires

Recebi a sua carta
Meu caro Juca Beirão,
Você deseja se faleI
Em culpa e reencarnação.

Da sua pergunta amiga

Não posso me descartar,
Por isso, peço desculpas
Do meu modo de informar.

Sabe você, a pessoa,
Seja aí ou seja aqui,
Segue o tempo carregando
Aquilo que fez de si.

Quando lesamos alguém,
Conforme lei natural,
Plantamos na própria vida
Uma semente do mal.

Tempo surge, tempo some
Em horas de sombra e luz,
Mas chega um dia entre outros
Em que a semente produz.

O valor desta lição
Não posso dar em miúdo,
É que existe em cada efeito
uma causa para estudo.

Por isso, ante o seu exame,
Sem nomear o endereço,
Apresento ao caro amigo

Alguns casos que conheço.

A fim de poupar o tempo
Que vai seguindo veloz,
Falemos tão-só nos erros
Que assuminos contra nós.

Perdeu-se todo em pinga,
Nosso Antonico Vanzeti,
Renasceu mas traz consigo
A luta com diabete.

Emilota de Traíras
Fez abortos à vontade,
Reencarnada quer ter filhos
Mas sofre esterilidade.

Desencarnada em excessos
Voltou à Terra Ana Frozzi,
Mas padece a obesidade
De nome lipomatose.

Com muito abuso de drogas,
Desencarnou Léo Faria
Hoje só pode nascer
Na herança da hemofilia.

Beleza desperdiçada,
Lá se foi Mira Vilar,
Renascendo, tem doenças
Que não conseguem sarar.

Afogou-se num suicídio
Odorico de Ipanema,
Voltou, mas em tempo certo
Terás lutas de enfizema.

Atirou no próprio crânio,
Nhô Ninico da Calçada,
Retornou a novo corpo,
Mas tem a idéia alterada.

Em muitos casos, doença
Quando aparece e demora,
É a luta que n´so criamos
De longa e lenta melhora.

É isso aí, caro amigo,
Anote esta lei comum:
_ Na culpa de cada qual
É a prova de cada um.

ASSUNTO DE MOCIDADE

Cornélio Pires

Você pede apontamentos,

Caro amigo Pedro Cisso,

Sobre este assunto importante:

Mocidade e compromisso.

Eis um tema complicado

Embora em pauta comum,

Porque envolve a liberdade
Que pertence a cada um.

Juventude é aquele tempo
De alegria, amor e fé,
Lembrando roseira em flor
Com muito espinho no pé,

Muito moço crê que pode
Ser feliz fora do lar,
Deixa a casa e encontra o mundo
Difícil de atravessar.

Muitas vezes, o rapaz
Busca o prazer de corrida,
Depois, é que reconhece
Que estragou a própria vida.

Mocidade, sobretudo,
Pelo sim e pelo não
É o momento em que se faz
A própria definição.

O espírito, antes do berço,
Notando o brilho do bem,
Sonha tarefas gigantes,

Traça promessas no Além.

Aqui, se rogam renúncias,
Sacrifícios, lutas novas,
Mais adiante, há quem peça
grandes dores, grandes provas...

A existência recomeça,
A meninice termina,
Aparece a juventude
Que resolve ou determina.

Então, se vê muitos jovens
Vivendo impulsos violentos,
Principiam negações,
Revoltas, esquecimentos...

Diante da obediência
às próprias obrigações,
Explodem as teimosias,
Protestos e deserções.

São muitos os casos tristes
De desencantos extremos
Nos conflitos dolorosos
Que nós mesmos conhecemos.

Confesso hoje a você:
Depois de desencarnado,
É que vejo cada história
Nas formações de "outro lado."

Nasceu para a engenharia
O nosso Dedé Noronha,
Achando a tarefa enorme
Derivou para a maconha.

Rogou encargo difícil
Para viver de ajudar,
Mas Zico, anotando a luta,
Mudou de nome e lugar.

Lilía pediu doença
A fim de elevar a vida,
Na hora do sofrimento,
Matou-se com formicida.

Solicitou disciplina
O nosso irmão Tino Frazza,
Achando os pai exigentes,
Largou-se da própria casa.

Suplicou penúria grande
Tentando ganhar mais fé,
Quando encontrou a pobreza
Rebelou-se o João José.

Implorou vida amargosa
Nossa Vitória Maria,
Ao ver-se na própria escolha
Partiu para a rebeldia.

Mas não se deve esquecer
milhões de jovens que estão
Fiéis ao melhor da vida,
No esforço de elevação.

Quanto ao resto, é como diz
Nosso amigo Adão Moraes:
_ "Onde o velho não ajuda
O menino sofre mais."

ASSUNTO DE DOENÇA

Cornélio Pires

Respondo a sua pergunta,

Meu caro Juca Proença,

Quanto ao que eu possa saber

Sobre espírito e doença.

Notando o problema em foco,

Você consulta com jeito:

_ "Estará qualquer moléstia
Sob a lei de causa e efeito?"

Sabe você, a higiene
Em toda parte, conclama
Que nem toda enfermidade
Está prevista em programa.

Marcamos os prejuízos
Que a falta de asseio faz,
Onde o desleixo aparece
A doença vem atrás.

Quem foge de escova e banho,
De sabão ou de vacina
Dá trabalho sem razão
Ao campo da medicina.

Por outro lado, sabemos
Que existem moléstias várias
No caminho das pessoas
Por medidas necessárias.

Muita gente, antes do berço,
Roga aos Amigos do Além
incômodos que os resguardem
Na cobertura do bem.

Mas o que assombra no mundo
Pela profunda extensão
É o número das moléstias
De pura imaginação.

A criatura vacila,
Crê no medo que a invade,
A mente adoce e cria
A forma da enfermidade.

Aí, reportam sintomas
De grande e pequeno porte,
Depois, é a perturbação
Gerando loucura e morte.

Qualquer pessoa fará
Muita pesquisa, a contento;
São muitos os casos tristes
De nosso conhecimento.

Às pessoas, recordo Alípio,
Na Roça do Araticum,
Receando alimentar-se
Morreu de tanto jejum.

Temendo pegar feridas
Embora de nervos sãos,
Finou-se Dona Agripina
De tanto lavar as mãos.

Olhando enfermos na rua,
Apavorou-se o Libório,
Depois, prendeu-se no quarto
E acabou no sanatório.

Com receio de varíola
Dona Tatinha do Alceu,
Mudou dez vezes de casa,
E, em seguida, enlouqueceu.

Supondo-se canceroso
Matou-se Tonho, em Mutum;
Sendo o corpo examinado,
Não se achou câncer nenhum.

Faleceu de sede e fome
Dona Regina Tereza,
Imaginava veneno
Em toda peça da mesa.

De consciência tranqüila
Tendo a calma por segredo,
Guarde a fé, trabalhe sempre
E viva forte e sem medo.

Ante quaisquer ilusões
A verdade nos desarma;
Nem todo mal que aparece
Decorre das leis do carma.

Sejamos n' so, uns dos outros,
Amigos e cireneus;
Estamos todos na vida
Guardados na luz de Deus.

ASSUNTO DE DESCULPISMO

Cornélio Pires

Você nos deseja a fala,
Meu caro Pontes José,
Sobre os males da desculpa
No campo de nossa fé.

Odesculpismo é tão grande
Em tanta causa indefesa,
Que a sua consulta amiga

Encerra grande surpresa.

Entendo. Em certos instantes,
A provação nos sacode,
A pessoa, ante o dever,
Intenta agir, mas não pode.

Entretanto, muitas vezes,
Numa empreitada qualquer,
Obrigação pede esforço,
A gente pode e não quer.

De fuga em fuga na vida,
O espírito perde a paz;
A derrota chega à frente
E a desculpa vem atrás.

Quem pede corpo no Além,
Comumente, reza e chora,
Mas quando se vê na Terra,
A maioria cai fora.

O amparo de Deus não falta
E a pessoa sabe disso,
Tem tudo para vencer
Mas tem medo do serviço.

Lavrador que foge à terra
No fim, a choro e fiasco,
Fecha-se em queixa, lembrando
A tartaruga no casco.

São muitos os desatinos
Que se vê, meu caro Pontes,
Os dramas do desculpismo
Fornecem casos aos montes.

Para lidar na enfermagem
Renasceu Lia Faraco...
Depois, desertou dizendo
Trazer estômago fraco.

Aparentando amargura
Por dó de vários doentes,
Desistiu da medicina
Nosso caro Doutor Bentes.

Rogou encargos no ensino
Nossa irmã Cora Batista,
Vendo as aulas, desertou
Falando em manchas na vista.

Teotônia ajudava aos órfãos

No abrigo, em Mata do Açude,
Um dia, parou, clamando
Que já não tinha saúde.

Então, na mediunidade,
Caem votos, de um a um,
Desculpismo nesse campo
Parece praga comum.

Notando as atividades
Do "Socorro Irmã Rosenda,"
Nico afastou-se, afirmando
Que era chamado à fazenda.

Olhando a tarefa grande,
O médium Joaquim Clemente,
Largou a equipe, alegando
As provações de um parente.

Entrou na missão dos passes
Nossa Irmã Clara Pereira...
Um dia, sumiu, clamando
Que estava de batedeira.

Vendo o serviço aumentando,
Lá se foi o Adão9 Facundo,
Dizendo não suportar

Os sofrimentos do mundo.

Com tarefas mais compridas,
Nossa médium Dona Rosa,
Largou o Centro, informando
Que andava triste e nervosa.

Do serviço sumiu Joana
Do grupo ativo, em Queimadas,
Dizendo ter muitos erros
Das existências passadas.

Receando sacrifícios,
A médium Lina Simões
Desertou a lamentar-se
Das próprias imperfeições.

É isso aí...Desculpismo
Pertuba, atrasa, atordoia...
Parece idéia parada
Esclerosando a pessoa.

Mas Deus é misericórdia.
Reencarnação vai e vem...
E, um dia, estaremos todos
Servindo no Eterno Bem.

DINHEIRO NO ASSUNTO

Cornélio Pires

Você deseja saber,

Neu caro Breno Monteiro,

Como se vê, de outro mundo,

A presença do dinheiro.

Dinheiro visto do Além,

Atente bem para isso,

É motor de evolução,
Alavanca de serviço.

Lembrando estudos no Alto,
Um pensamento me alcança:
_ "Finança gera trabalho,
Trabalho gera finança."

Pense no brilho celeste
Das bênçãos que se arrecade,
Sob a forma de moedas
No câmbio da caridade.

Ninguém conhece na Terra
Toda a luz que se derrama
Da moeda de passagem
No coração de quem ama.

Moeda, em nome do amor,
Não consigo descrevê-la,
Onde surge auxiliando
Mais se parece a uma estrela.

Aqui, apoia mães tristes,
Agindo discretamente,
Ali, restaura a alegria
De uma criança doente.

Faz-se depois teto amigo,
Defesa da vida sã,
Remédio aplicado hoje
Para a saúde amanhã.

Além, transforma-se em livro,
Alimento, roupa, escola,
Mão generosa da bênção
Que recupera ou consola.

Além de tudo, o dinheiro
Com a grandeza que não meço,
Faz-se argamassa invisível
Na construção do progresso.

É máquina multiforme,
É torre de grande altura,
Comércio, fraternidade,
Educação que se apura.

Dinheiro, em nome de Deus,
Nunca fez males que eu visse,
O que atrapalha a moeda
É a unha da sovinice.

Finança, por si, não cria

Loucura, dor, abandono...

Veja esta frase expressiva:

_ Dinheiro retrata o dono.

O crédito sem trabalho

E o cofre cheio e infecundo,

São duas calamidades

Roendo as forças do mundo.

O dinheiro que apareça

Com passaporte no bem,

É sempre apoio da vida,

Não prejudica a ninguém.

Disse o Cristo: "céu aos ricos

Nem sempre é fácil de achar..."

É que o pão duro já vive

No inferno particular.

ANTIPATIAS

Cornélio Pires

Eis aqui sua pergunta,

Minha prezada Lilia:

De que modo liquidar

A força da antipatia.

Você sabe. Antipatias

Na sombra espessa em que estão

Aparecem de improviso,
Quase sempre sem razão.

O assunto chega de longe,
Parece graves feridas,
Moléstias do pensamento
Que trazemos de outras vidas.

Comumente, a novidade
É cousa que nos alcança,
Quando alguém de encontro novo
Não nos causa confiança.

Aumentam-se gentilezas,
Seja no lar ou na rua,
Mas a repulsa por dentro
É sombra que continua.

Aí, é a doença antiga
Que nem sempre vem à face,
Veneno desconhecido,
Ódio velho que renasce.

Declarada a enfermidade,
Usemos, de modo atento,
O remédio da oração
Que nos traga o esquecimento.

Depois da prece que extinga
Esse mal que nos invade,
Procuremos o exercício
Da paz e da caridade.

Meditemos no passado...
Que teria acontecido?
Quem nos impõe desagrado
Talvez nos haja ferido.

Ou talvez, sejamos nós,
Segundo o reto pensar,
OS causadores da sombra
Com culpas a resgatar.

Por isso, quando apareça
Algum inimigo à frente,
Peçamos a Deus nos dê
Compaixão que ajude a gente.

Por vezes, quem nos pareça
Dose de cobra ou leão
É uma pessoa cansada
De espinhos no coração.

Terá sido noutras eras
Terrível perseguidor,
Hoje, às vezes, é um pedinte
De compreensão e de amor.

Quando você ache alguém
Que o peito lhe aflige ou tranca,
Pensa em Cristo, ore com calma
E evite qualquer carranca.

Pelos caminhos da vida
A presença da aversão
É sempre a hora difícil
De regresso à provação.

E quando a prova ressurge,
Queira ou não queira acertar
Deus nos coloca, Lília,
No tempo de perdoar.

**Diante da noite, não acuse as trevas.
Aprenda a fazer lume.**

André Luiz